



“Golpes de Estado nunca são uma boa ideia.”

**Clóvis Rossi**

COLUNISTA DA “FOLHA DE S.PAULO”

Referindo-se aos acontecimentos no Egito

“Empresas estão se transformando em mídia e provedores de conteúdo.”

**Nizan Guanaes**

PUBLICITÁRIO

Sobre empresas em plataformas digitais

O BC e o Ministério da Fazenda saberão manter a inflação sob controle

**Fernando Pimentel**  
Ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; ex-prefeito de BH

## A alta do dólar e a indústria

Na última terça-feira, com o valor do dólar em torno de R\$ 2,40, disse aos repórteres que essa era uma cotação “ótima”. A declaração causou espécie, embora devesse ser natural o ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior manifestar-se a favor de um cenário que permite a recuperação da competitividade da indústria nacional e, portanto, estimula nossa produção, a geração de emprego no setor e as exportações.

Diante do espanto, convém lembrar o quadro de catástrofe que analistas econômicos desenhavam em meados de 2011, quando US\$ 1 chegou a valer R\$ 1,53. Diante de pata-

mar realmente baixo, lembro-me de afirmar que teríamos de nos acostumar com o real valorizado por um tempo não previsível. Agora, parece claro, esse tempo de dólar barato começa a se encerrar com o fim da política de emissão exagerada de dólares dos Estados Unidos – a propósito, sempre criticada pelo governo da presidente Dilma.

Pois bem, dois anos atrás, a variação do dólar entre R\$ 1,53 e R\$ 1,70, num momento de gravíssima crise econômica e financeira nos países desenvolvidos, foi a senha para que observadores de toda sorte decretassem o fim da indústria no Brasil, suspensão de investimentos, crise,

demissões em massa e até mesmo a chamada “doença holandesa”. Esse termo é usado para designar países que passam por situação semelhante à da Holanda na década de 60, quando a exportação de gás natural gerou receitas extraordinárias para o país, valorizou a moeda e tornou a indústria local menos competitiva.

Segundo esses analistas, em 2011 o Brasil estaria vivendo sua “doença holandesa”, com a exportação de commodities como soja e minérios atraindo dólares em excesso, desvalorizando o real e prejudicando o setor manufatureiro. Alguns chegaram a defender um imposto sobre exportação de commodities. Não

é preciso dizer que a análise era precipitada e alarmista. O real valorizado era, sim, um empecilho à competitividade da indústria nacional por tornar nossos produtos mais caros em relação aos fabricados por outros países, dificultando nossa inserção no exterior. Mas era possível reagir.

Por meio do Plano Brasil Maior, lançado em agosto daquele ano, concedemos uma série de benefícios à indústria em geral, como a desoneração da folha de pagamento, e aos exportadores em particular, como o Reintegra. Esse programa devolve à empresa 3% da receita obtida com a venda de suas mercadorias ao exterior. A devolução permite a desonera-

ção de tributos residuais na cadeia e funciona como um câmbio melhorado – fundamental naquele momento de forte depreciação do dólar.

O mundo não acabou em 2011. A indústria brasileira continuou viva. Assim como há dois anos, é preciso mais ponderação. Se antes o dólar baixo era um problema, agora, mais forte, certamente terá impacto positivo para a produção nacional e para nossas exportações. Quanto à inflação, já em processo de queda, o Banco Central e o Ministério da Fazenda estão atentos e saberão mantê-la sob controle, nessa mesma trajetória.

Ganho é maior com o nível superior

**Marco Túlio Carvalho**  
Professor (Una)  
www.una.br

## O valor do estudo

Agosto é o mês do estudante, período em que se comemora a criação dos dois primeiros cursos de ciências jurídicas e sociais do Brasil, feitos e validados por dom Pedro I, no século XIX. Estudar nem sempre é prazeroso, mas aprender é exercitar a memória para adquirir conhecimentos, é se preocupar com o futuro, consolidar a profissão e, até mesmo, ganhar mais.

De acordo com a pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV) O Retorno da Educação no Mercado de Trabalho, estudar mais faz diferença na hora de conseguir um emprego e um salário mais alto. Outro estudo divulgado pelo jornal “O Globo” aponta que o diploma universitário garante hoje uma renda 167% maior frente ao último ciclo do ensino obrigatório (ensino médio). Essa distância, no entanto, já foi maior. Em 2002, o “prêmio” de renda para quem tinha diploma universitário na mão chegava a 192%, o ponto mais alto nas últimas décadas. Em 1995, o abismo era de 134%. Só 12,5% da população brasileira tem curso superior concluído, e a taxa de

desemprego é de 3,8%, frente aos 6,7% da média da força de trabalho.

O cenário do mundo do trabalho tem sofrido grandes e rápidas mudanças no ambiente globalizado em que vivemos. O realinhamento das economias, com novas potências surgindo e se consolidando, os avanços tecnológicos atrelados a novas necessidades dos consumidores e o consequente aumento da competitividade delineiam um novo cenário mundial com reflexos no mundo do trabalho.

A escolha por um curso ou profissão parte muitas vezes de interesses e habilidades que já possuímos por uma determinada área. O ambiente do ensino superior provoca mudanças e promove o desenvolvimento de habilidades exigidas pelo mundo do trabalho. Além das competências técnicas que serão desenvolvidas ao longo do curso superior, há as competências comportamentais que farão parte do percurso formativo dos futuros profissionais. Entre elas podemos citar a habilidade para trabalhar em equipe, a interdisciplinaridade, diferencial de algumas instituições

de ensino superior, que ajuda na promoção do desenvolvimento de habilidades tais como a visão global, a capacidade para entender e atuar em múltiplos cenários e exercitar a inovação. Outro aspecto importante é o da comunicação.

No ambiente do ensino superior, os alunos desenvolvem suas habilidades de comunicação oral e escrita, de argumentação e também aprimoram suas habilidades de relacionamento interpessoal ao conviver com um universo rico em diversidade de pessoas. O ensino superior também promove momentos de integração com a comunidade na qual a instituição de ensino está inserida, por meio de atividades extensionistas, como projetos de pesquisa, de voluntariado e visitas técnicas, que vão desde visitas às empresas locais, a museus e outras atividades culturais.

Portanto, a passagem pelo ensino superior pode significar um salto no percurso evolutivo da carreira do profissional, bem como abrir as portas para oportunidades de melhores salários e cargos mais qualificados dentro das organizações.

Leitura não é bicho de sete cabeças

**Beto Vianna**  
Linguista  
www.bioliugagem.com

## Livros, gente e praças

Há 11 anos, todo ano, respeitáveis escritores e um respeitável público se reúnem numa manhã de domingo, na praça da Liberdade. Na fila para pegar um autógrafo e prostrar-se com os literatos, gente de todas as idades traz nas mãos o livro que acabou de ganhar de presente. Livro, de graça, na praça.

O projeto, idealizado pelo professor José Mauro da Costa em 2003, ganhou fôlego novo ao cair nas graças da lei Rouanet e, com patrocínio da Oi, ultrapassou a barreira montanhosa do Curral. Neste ano, além de Belo Horizonte, vai ter Livro de Graça nas praças de Manaus (29 de setembro), Uberlândia e Uberaba (dia 6 de outubro, nas duas cidades). Para cada uma das três cidades, foram convidados 17 escritores locais e foi realizado concurso nacional para a seleção de mais três autores. Cada livro – produzido especialmente para o respectivo evento – reúne contos e crônicas tendo como tema, ou inspiração, o nome da cidade.

E isso é bom? Há quem diga que livro de graça não aju-

da ninguém a crescer, é assistencialismo. Discordo, e me explico.

Abre-se um mundo de possibilidades quando escritores e leitores (mesmo os iletrados) reúnem-se num mesmo lugar, numa manhã de domingo, para se debruçar em torno do objeto livro. Nesse espaço de convivência que é a praça, as pessoas têm a oportunidade de participar ativamente do universo da literatura. O livro, cultuado como patrimônio de uma elite letrada e que, por ser privilégio de poucos, mais assusta que educa, ganha nesse espaço democrático uma função libertadora, manuseado por todos, visto e assuntado (e, quem sabe, lido) por gente de todo tamanho, cor e sabor.

O que torna excludente a educação é alimentar a crença de que as pessoas “não sabem português” e, em vez de sanar esse duvidoso problema, ampliando o acesso das pessoas aos textos escritos e falados de nossa cultura, acusar quem “fala errado”, negando a legitimidade de sua língua materna.

Digo, como linguista por ofício e paixão, que língua

não se aprende na escola, mas em casa e na rua (ou na praça). Função da escola é dar as condições de manipular esse universo de meios e mensagens que é o texto. O texto escrito lança mão de recursos bem diferentes da língua materna, pois é linguagem produzida com tecnologia de ponta e, tal como a fala, pode tomar a forma de vários gêneros textuais: romance, poema, conto, mas também bula de remédio, placa de loja e anúncio de classificado. Leitura e escrita só são bicho de sete cabeças na propaganda da elite burra e emburrecedora, que quer ver a maioria da população longe das letras. Espaços como o Livro de Graça na Praça, que aproximam as pessoas do texto escrito sem constrangimento, cumprem esse rito prazeroso da educação, que também é, ou deveria ser, papel da escola.

É por essas e outras que estou feliz da vida por Manaus, Uberaba e Uberlândia juntarem-se a Belo Horizonte nessa fantástica fábrica de literatura e convivência.

## O TEMPO

**ENDEREÇOS**  
Sede Comercial  
Rua Pernambuco, 712 - Funcionários  
Belo Horizonte - MG - CEP 30.130-151  
Fone (31) 2138-3900 - Fax (31) 2138-3920  
Web.: www.otempo.com.br  
e-mail: comercial@otempo.com.br  
Redação e Industrial  
Avenida Babita Camargos, 1.645  
Cidade Industrial, Contagem - MG  
CEP 32.210-180 Fone: (31) 2101-3000

**SERVIÇOS EDITORIAIS**  
The New York Times  
**AGÊNCIAS NOTICIOSAS**  
Associated Press, Agência Globo, Folhapress e Agência Estado

**ATENDIMENTO AO ASSINANTE:**  
0800-703-4001 (interior)  
(31) 2101-3838 (Capital e Grande BH)  
**Horário de funcionamento:**  
Segunda a sexta-feira: 7h às 19h  
Sábado, domingo e feriados: 7h às 13h  
E-mail: atendimento@otempo.com.br

**FILIADO À ANJ**  
Associação Nacional de Jornais www.anj.org.br  
**IVZ**  
FILIAÇÃO AO INSTITUTO VERIFICADOR DE CIRCULAÇÃO

**PREÇO DA ASSINATURA: NORMAL MG** (consulte nossas promoções)

Anual	Semestral	Trimestral
R\$ 492,00 à vista ou: 2 x R\$ 246,00 3 x R\$ 164,00 4 x R\$ 123,00 6 x R\$ 82,00	R\$ 246,00 à vista ou: 2 x R\$ 123,00 3 x R\$ 82,00 4 x R\$ 62,00	R\$ 123,00 à vista

### ESCRITÓRIOS COMERCIAIS

**SÃO PAULO**  
Avenida Jamaris, 100 - Sala 207 - Bairro Moema - São Paulo - SP - CEP 04.078-000  
**Fone/fax:**  
(11) 5531-3334 - (11) 5531-3336 - (11) 9935-3534  
**E-mail:** rodrigo.simoes@otempo.com.br

**RIO DE JANEIRO**  
**Bueno Comunicação** - Av. Almirante Barroso, 63 - Sala 2012 - Edifício Cidade do Rio de Janeiro - Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP.: 20.031-003  
**Fone:** (21) 2524-5644  
**E-mail:** fbueno@buenocomunicacaojr.com.br e barbara.bueno@buenocomunicacaojr.com.br

**BRASÍLIA**  
SRTVS Quadra 701 - Bloco O - Sala 658  
Centro Multiempresarial Asa Sul - Brasília - DF - CEP 70.340-000  
**Fone/fax:** (61) 3223-6999 - (61) 8223-6606  
**E-mail:** fbueno@otempo.com.br

**ESPÍRITO SANTO**  
Dicape Representações e Serviços Ltda - Rua Pedro Palácios, 79 - Ed. Centro Jurídico, sala 4  
Praíha - Vila Velha - ES - CEP 29.100-190  
**Fone/fax:** (27) 3229-1986 - (27) 3062-1953  
**E-mail:** didimo@otempo.com.br